

## A MÚSICA E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UM OLHAR SOBRE A LITERATURA NACIONAL<sup>1</sup>

Guilherme Afonso Silva de Resende<sup>2</sup>  
Frederico Pedrosa<sup>3</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa se trata de uma revisão descritiva que investigou a literatura, em língua portuguesa e/ou em revistas nacionais, sobre Musicoterapia ou Música nos tratamentos focados na Dependência. Foram revisadas a base de dados do *Google Scholar* bem como a Revista *InCantare* e a Revista Brasileira de Musicoterapia. Ao inspecionar 641 textos no total, foram selecionados 9 destes, sendo 5 feitos por musicoterapeutas e 4 por profissionais de outras áreas da saúde. Dentre os textos selecionados há artigos completos, resumos, monografias e dissertações que, entre outras coisas, indicaram que a Musicoterapia promove relaxamento, trocas psicoafetivas e possibilita expressão verbal em pacientes com dependência química. Entre os textos incluídos na revisão, há também trabalhos que fazem uso da música na terapia, mas sem o uso de técnicas musicoterapêuticas específicas, preponderando, neste caso, a escuta musical. Também foi considerada, a partir deste trabalho, a necessidade de mais produção de pesquisas dentro deste tema, buscando evidências dos benefícios que a Musicoterapia pode proporcionar aos clientes.

**Palavras-chave:** Musicoterapia; Música; Dependência Química.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa faz parte da Iniciação Científica financiada pelo Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados pela UFMG - Edital PRPq 07/2020, em que o primeiro autor é bolsista e o segundo orientador.

<sup>2</sup> Acadêmico em Musicoterapia pela UFMG. Bolsista de Iniciação Científica em Musicoterapia e Dependência Química. Foi bolsista do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG. Foi bolsista no projeto de extensão da Musicoterapia na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa. Estudou musicalização, harmonia, coral e violão erudito na Fundação de Educação Artística.

<sup>3</sup> Docente da Graduação em Música com Habilitação em Musicoterapia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorando em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná (2018) e Bacharel em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (2010). Atua em pesquisa nas áreas de musicoterapia, saúde mental, educação musical e cultura popular. Foi bolsista do Processo de Iniciação Científica da Faculdade de Artes do Paraná onde pesquisou a música ambiente dos ônibus da cidade de Curitiba. Foi professor colaborador do curso de Bacharelado em Musicoterapia na Universidade Estadual do Paraná entre 2016 e 2017, onde ministrou as disciplinas relacionadas à linguagem, execução e aprendizado musical além de supervisionar estágios em Saúde Mental e orientar trabalhos de conclusão de curso. Participa dos grupos de pesquisa Centro de Estudos em Musicoterapia, CEMT-CNPq, e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, NEPIM-CNPq. Fez parte dos grupos Jazz Cigano Quinteto, Paranambuco, Omundô e da Orquestra Rabecônica do Brasil com os quais estudou e desenvolveu apresentações utilizando a linguagem musical das culturas tradicionais brasileiras e de outras regiões do globo. Tem experiência de atuação clínica nas áreas de Saúde Mental, Dependência Química, Geriatria e Educação Especial. Atualmente faz parte dos grupos Marruá, que faz um repertório de Baião e The Pulso in Chamas, com uma proposta estética Queer. Tem experiência com atuação e supervisão de estágios nas áreas de Saúde Mental, Dependência Química e Educação Especial.

## MUSIC AND CHEMICAL DEPENDENCE: A LOOK AT THE NATIONAL LITERATURE

**Abstract:** This research is a descriptive review that investigated the literature, in Portuguese and/or national journals, on Music Therapy or Music in treatments focused on Chemical Dependence. The Google Scholar database as well as the *Revista InCantare* and the *Revista Brasileira de Musicoterapia* were reviewed. When inspecting 641 texts in total, 9 of these were selected, 5 made by music therapists and 4 by professionals from other areas of health. Among the selected texts, there are complete articles, abstracts, monographs and dissertations that, among other things, indicated that Music Therapy promotes relaxation, psycho-affective exchanges and enables verbal expression in patients with chemical dependency. Among the texts included in the review, there are also works that make use of music in therapy, but without the use of specific music therapy techniques, in which case music listening is predominant. Based on this work, the need for more research production on this topic was also considered, seeking evidence of the benefits that Music Therapy can provide to clients.

**Keywords:** Music therapy; Music; Chemical Dependency.

## INTRODUÇÃO

A dependência química (DQ) é identificada por meio de um conjunto de sintomas cognitivos, fisiológicos e comportamentais, nos quais, apesar dos danos na saúde, na vida pessoal e social do indivíduo, ele continua utilizando a substância (TEIXEIRA, 2019). Segundo a Garcia e Alkmin (2014, p.22), a DQ é caracterizada pelo uso descontrolado, no qual se alterna entre o alívio durante o uso da substância e grande sofrimento na ausência ou na impossibilidade de uso. Ainda acrescenta que o uso da droga pode ocorrer fora da dependência química, sendo assim um uso voluntário, buscando os efeitos psicoativos da substância, como prazer, relaxamento, sensação de euforia, alteração no senso de percepção, etc. Quando não está sob o efeito da droga, o usuário tem a capacidade de escolha, podendo interromper ou usar a qualquer momento.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (APA, 2014), o transtorno por uso de substância tem como característica essencial a “presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando o uso contínuo pelo indivíduo apesar de problemas significativos relacionados à substância” (IBIDEN, p.483).

O Relatório Mundial sobre Drogas de 2021 (UNDOC, 2021) mostra que 275 milhões de pessoas no mundo usaram drogas em 2020, um aumento de 22% em comparação a 2010, além de 36 milhões de pessoas que sofreram com transtornos associados ao uso de drogas em 2020.

O impacto da COVID-19 nos desafios das drogas ainda não tem um levantamento completo, mas a análise, segundo o Relatório Mundial sobre Drogas, sugere que a pandemia acarretou dificuldades econômicas que provavelmente tornarão a produção e o uso de drogas mais atraente para as comunidades mais frágeis. O impacto social da pandemia, que traz como consequência um aumento da desigualdade, da pobreza e das condições de saúde mental, principalmente das populações já vulneráveis, podem levar mais pessoas a consumir drogas (UNDOC, 2021).

De outra forma, estudos realizados no Himalaia, Itália e EUA mostram que as pessoas, no isolamento social, recorrem à música para lidar com o sofrimento

psicológico com maior frequência (GAZMER; BANDOPADHYAY, 2020; GIORDANO, 2020; HERRERO *et al*, 2020).

A Musicoterapia (MT) favorece, através das experiências musicais, o aumento das possibilidades de existir e agir, nas várias áreas de prática do âmbito da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários (UBAM, 2018). Assim, as intervenções musicoterapêuticas podem ser indicadas para o tratamento de usuários de substâncias psicoativas (TEIXEIRA, 2019).

No contexto internacional, Mays, Clark e Gordon (2008) revisaram sistematicamente a literatura, encontrando 19 trabalhos publicados em MT e DQ. Apontam não ser possível demonstrar se a Musicoterapia é eficaz no tratamento dessa população, já que não se tem estudos o suficiente produzindo evidências significativas sobre o assunto.

Hohmann *et al.* (2017), em nova revisão sistemática, demonstraram que houve um aumento de estudos randomizados controlados nos últimos anos sendo possível dizer que pacientes dependentes químicos participantes de sessões de Musicoterapia e de “Atividades Baseadas em Música” (*music-based activities*) se beneficiam em aspectos emocionais, de participação, de motivação e de gentileza. No entanto, não há consistência para sistematizar tais resultados já que muitos estudos focam em apenas uma sessão, não havendo estudos longitudinais.

Pedrosa, Loureiro e Garcia (2021), em revisão integrativa que buscou por estudos em Musicoterapia e Dependência Química que utilizassem de protocolos de avaliação apontaram que as pesquisas nesta área são difíceis de generalizar. Este dado se dá pelo fato de que existem limitantes impostos pela diversidade dos desfechos avaliados, pela falta de avaliação de desfechos duros, pela diversidade de intervenções testadas, e outras. No entanto, pode-se concluir que as técnicas musicoterapêuticas foram capazes de melhorar o humor, a percepção de bem-estar e a qualidade de vida dos pacientes em tratamento

Assim, o presente trabalho pretende revisar a literatura com o objetivo de investigar e analisar trabalhos musicoterapêuticos, bem como aqueles feitos por outros profissionais que utilizam a música, no tratamento da dependência química publicados em território nacional, a fim de entender quais são as práticas, as técnicas bem como quais os resultados destas intervenções.

## METODOLOGIA

A revisão descritiva é uma metodologia da pesquisa, que realiza estudo, análise, registro e interpretação de fatos sem a interferência do pesquisador (BARROS; LEHFELD, 2007). Optou-se por esta metodologia dado a grande diversidade dos textos encontrados relatando os trabalhos musicoterapêuticos ou musicais na área da dependência química. Para tanto nos guiamos pelas questões: 1) qual a formação dos autores; 2) como foram aplicadas as experiências musicais; 3) O que estas experiências alcançaram como resposta e 4) qual a forma de verificação dos objetivos alcançados?

A estratégia para a busca pelos artigos incluídos nesta pesquisa passou pela escolha do portal Google Scholar bem como a Revista InCantare e a Revista Brasileira de Musicoterapia (*Brazilian Journal of Music Therapy* - BRJMT ). As técnicas de busca foram diferentes para cada portal. No Google Scholar houve formulação de descritores, sendo os primários Musicoterapia ou Música associado ao secundário, DQ.

Na Revistas InCantare e na Revista Brasileira de Musicoterapia, dadas as ferramentas de busca ofertadas, fez-se necessária a leitura de todos títulos e resumos das pesquisas publicadas. Nestas revistas precisamos adequar o descritor secundário já que foram usados alguns termos relacionados como “toxicodependência”, “uso abusivo de substâncias psicoativas” ou ainda “consumo de substâncias psicoativas”.

Foram incluídos os textos contendo o descritor primário em comunhão ao descritor secundário no título, resumo ou palavras-chave; sendo artigos completos, resumos, monografias e dissertações; estabelecidos em contexto de cuidado à DQ, disponibilizados em língua portuguesa e/ou em revistas nacionais.

Excluimos pesquisas que não indicavam o trabalho com música; que não indicavam o trabalho em DQ; que não relatavam o trabalho com música e/ou MT em DQ; em que a MT foi apenas citada como uma terapia entre outras; que não apresentavam os resultados das intervenções e, por fim, artigos escritos em outras línguas que não o português.

Realizamos a busca na plataforma Google Scholar, apresentando 273 resultados para “Musicoterapia” e “Dependência Química”. Posteriormente,

realizamos a inspeção dos 250 resultados de todas as 30 edições (1996 a 2020) na RBMT e em 118 títulos presentes nos 13 volumes da Revista InCantare (2010 a 2020).

Dos 641 textos encontrados e inspecionados realizamos a leitura e seleção de 09 textos, os quais investigamos as questões previamente formuladas. Apresentamos os resultados a seguir.

## RESULTADOS

Fizemos a busca dos artigos entre os dias 17 e 29 de junho de 2021. Passando pelos critérios de inclusão e exclusão, descritos acima, selecionamos 06 para leitura provenientes do *Google Scholar* bem como 01 da RBMT e 03 para InCantare; totalizando 10 textos.

Zanini (1999), musicoterapeuta, realizou cerca de trinta sessões com 2 grupos, sendo o grupo A de dependentes químicos-alcoolistas e outro grupo B com portadores de transtornos esquizofrênicos. Os grupos eram abertos, permanecendo com 6 pacientes com idade média de 38 anos. Foram utilizados instrumentos musicais, corpo, voz, gravador, aparelho de CD e microfone. No Grupo B se assistiu uma maior produção musical, tendo 58% mais que o Grupo A. Houve maior expressão vocal no início do processo por parte do Grupo B. O grupo com dependentes químicos registrou maior verbalização quando os pacientes contavam fatos de suas vidas. A autora pontua sobre os problemas sociais decorrentes do alcoolismo, levando ao afastamento sócio-familiar e o preconceito, conduzindo à uma “perda da voz” (p.100). Tal consciência pode ter relação à inibição e a dificuldade de se expor (cantar) inicialmente, além da preocupação em “acertar” e o medo da crítica. Grupo B, onde a maioria dos participantes cantou sem constrangimento e autocensura. A partir desta leitura, observou-se que o grupo de dependentes químicos apresentou maior necessidade de verbalização.

Marques Filho, Coelho e Ávila (2007), médicos psiquiatras e psicólogo, apresentaram uma composição musical feita pelo primeiro autor, que trata da dependência química, a 42 estudantes de medicina e 52 estudantes de enfermagem. Posteriormente, aplicaram um questionário com questões abertas e fechadas, Revista InCantare, pp. 25-43  
vol. 14 no. 1. jan-jun-2021  
ISSN: 2317-417X / Curitiba

elaboradas pelos próprios autores. Apontaram que essa metodologia foi eficiente para a discussão sobre a DQ e indicam que pode ser eficiente para grupos de risco por permitir efeitos benéficos em relação à redução de danos, já que a música pode remover barreiras comunicacionais (p.21).

A pesquisa de Cardoso e Cunha (2011), musicoterapeutas, foi baseada na análise dos relatórios das sessões de Musicoterapia, nos quais foram observados as expressões musicais, manifestações comunicativas não-verbais e verbais entre os participantes, destacando as trocas afetivas e psicossociais ocorridas nos encontros. Dois grupos participaram das atividades, sendo um formado por 13 homens entre 25 e 55 anos e o outro por 6 homens entre 45 e 55 anos. De uma forma geral, a pesquisa mostrou que cantar, tocar instrumentos musicais e compor canções, tendo a mediação do musicoterapeuta e por meio das técnicas empregadas pelo mesmo, proporcionaram situações onde foi possível ter uma interação saudável entre os participantes. “O trabalho musicoterapêutico proporcionou mudanças nos estados emotivos e psíquicos e canalizou as tensões para o bem-estar e fruição da atividade em conjunto” (p.91).

Agudelo e Morales (2017), musicoterapeutas, realizaram um estudo qualitativo, tendo como instrumento de avaliação a entrevista semiestruturada e triangulação das experiências relatadas por pacientes com observações nos diários dos pesquisadores. Por meio da entrevista individual, buscou-se entender os benefícios atingidos na história de vida dos participantes, a partir de intervenção de musicoterapia comunitária. Os encontros aconteceram entre fevereiro de 2016 e maio de 2017. Nos encontros foram utilizados a exploração dos sons através do corpo, da voz, música receptiva, recriação, composição grupal e fabricação de instrumentos musicais. A consolidação gradual dos participantes como comunidade e a implantação e desenvolvimento de atividades por meio da arte, contribuiu para a transformação nas histórias de vida das pessoas que se vincularam ao espaço e que nele acharam um ponto de encontro com as necessidades compartilhadas do grupo e a geração de recursos de enfrentamento das adversidades diárias e que se associam à problemática de consumo.

A pesquisa de Gutiérrez (2017), psicólogo e musicoterapeuta, baseou-se em intervenção musicoterapêutica de 19 sessões realizadas duas vezes por semana com

a participação de 10 usuários, sendo 7 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Nas primeiras 8 sessões foram usadas as técnicas improvisacionais musicoterapêuticas descritas por Bruscia (1987), focadas na empatia, sincronização e imitação. Posteriormente, entre as sessões 10 e 18, foram trabalhadas as técnicas de redireção, facilitação, debate e exploração emocional (BRUSCIA *apud* GUTIÉRREZ, 2017). Na sessão 19 foi realizada uma socialização do processo, compartilhando e elaborando conclusões acerca da intervenção. O pesquisador conclui que as sessões alcançaram a elaboração pessoal de situações de conflito com efeitos mobilizadores e que as técnicas de improvisação foram as que melhor permitiram aos usuários elaborar situações de maneira intuitiva e efetiva, bem como, gerar empatia.

Leitão (2019), psicóloga, fala sobre entrevistas com usuários do serviço de saúde da Oficina Terapêutica de Música do PROJAD/IPUB, nas quais 3 dos 7 participantes se declararam músicos. Realizou também a análise do “livro-ata” da Oficina Terapêutica de Música do ano de 2018. Indicou-se que os participantes que se consideravam músicos que, segundo eles, a droga pode ajudar na criação e atuação musical, mas também pode atrapalhar no mesmo âmbito se houver um uso demasiado. Há uma correlação entre música e droga, tema que nas buscas estavam relacionados a bares, boates e ambientes semelhantes onde se procura alívio do mal-estar e distração. A música tem a capacidade de acessar a memória e promover conexão com as lembranças e cargas afetivas de sentimentos e emoções, que são questões levantadas com frequência pelos usuários. Músicas alegres têm sido uma via mais eficaz para o bem-estar dos participantes, mas é possível que ao usar a música como elemento de recordação, associado ao uso da droga, eles estejam buscando uma forma diferente de lidar com o sofrimento. O autor também diz que na Oficina Terapêutica de Música “os sons e as lembranças que ressoam, ecoam e se libertam, imprimindo novos sentidos a essas vidas que estão constantemente buscando sintonizar-se com a mesma” (p.56). “Por meio do grupo fechado e da intervenção dos profissionais de saúde mental como psicólogo e musicoterapeuta, isso faz com que as dores sejam mais que recordadas e repetidas, elaboradas nesse espaço protegido dando novos significados” (p.56).

Teixeira (2019), musicoterapeuta, realizou estudo sobre a experiências de MT receptivas à mesa-lira, por meio de um estudo randomizado, tendo o total de quatro

grupos - dois intervenção e dois controle. Dois grupos (GMT-A), participaram da aplicação da mesa lira, com duração de 30 a 40 minutos durante 5 dias consecutivos e outros dois grupos (GMT-B) participaram da aplicação da mesa lira, com duração de 30 a 40 minutos durante 5 dias alternados. Não houve diferença significativa em nenhum dos grupos em relação ao constructo de ansiedade; apresentou-se um nível de relaxamento significativamente aumentado após cada sessão em comparação com a avaliação pré-intervenção. As intervenções musicoterapêuticas em dias intercalados se mostraram mais efetivas em relação às diárias, as sessões de Musicoterapia se mostraram importantes para o fortalecimento dos participantes para que pudessem enfrentar os sintomas da abstinência, bem como o desejo incontrolável pelo uso da droga. Faz-se importantes considerações relacionadas aos aspectos cognitivos relevantes para a atenção, como função cognitiva preditora da percepção, o que hipoteticamente contribui para não autopercepção de melhoras em níveis de ansiedade avaliados.

Viana e Ribeiro (2019), enfermeira e professora orientadora, aplicaram um questionário contendo 20 questões, sendo 14 de múltipla escolha e 6 discursivas, a 11 dependentes químicos do sexo masculino que utilizam a música gospel como instrumento terapêutico em sua reabilitação. Foram feitas análises destas questões. Verificou-se que 63,63% dos participantes da pesquisa julgaram a música gospel como importante para seu tratamento, enquanto 36,36% não acreditam na eficiência de tal método. 9 dos 11 participantes relataram considerar a música um meio de encontrar a si próprio e a força para superar o vício. 63,63% julgam existir uma relação entre a música e a espiritualidade; 18,18% acreditam no poder da música por ser uma forma de expressão natural de seus sentimentos através da melodia; 18,18% acreditam que a música abrange a todos de forma humanizada e que permite sentir muito além do que qualquer outro objetivo; 90,90% dos pacientes julgam a música como um método paliativo na adesão ao tratamento, além de acreditarem que a música junto com a espiritualidade é eficiente no cotidiano. Foi observado que o uso da música em clínicas de apoio a pessoas dependentes químicas não tem sido baseada formalmente em técnicas específicas, como é o caso da musicoterapia, porém sua função terapêutica tem sido significativa por auxiliar na expressão de sentimento do paciente, de forma humanizada, respeitando sua autonomia.

No relato de experiência de Soares e Lourenço (2020), apresentado em resumo, utilizou-se técnicas e instrumentos como a música, para o trabalho de motivação às pessoas em tratamento de dependência química. O esperado por meio desta pesquisa é “um aumento na prevenção de recaída e o treinamento de habilidades para a abstinência de substâncias, contribuindo para que o grupo busque melhorar sua autoestima e obtenha avanços no tratamento” (p.1).

Tabela 1: Dados extraídos para análise da revisão bibliográfica

Autor e formação	Como e quais técnicas e experiências musicais foram aplicadas?	O que estas experiências e técnicas alcançaram como resposta?	Qual a forma de verificação dos resultados alcançados?	Observações
Zanini (1999)	Realizou-se cerca de trinta sessões de MT com dois grupos. O grupo A de dependentes químicos-alcoolistas e o grupo B de portadores de transtornos esquizofrênicos. Os grupos eram abertos devido às altas, permanecendo com 6 pacientes com idade média de 38 anos. Foi utilizado instrumentos musicais, corpo, voz, gravador, aparelho de CD e microfone.	No Grupo B houve maior produção musical, tendo 58% mais que o Grupo A. Houve maior expressão vocal no início do processo por parte do Grupo B. No grupo A houve maior necessidade de verbalização, onde os pacientes contavam fatos de suas vidas.	A coleta de dados foi realizada através de relatórios, gravações das sessões e filmagens.	A autora pontua sobre os problemas sociais decorrentes do alcoolismo como o afastamento sócio-familiar e o preconceito que conduzem à “perda da voz”. Tal consciência pode ter relação à inibição e a dificuldade de se expor (cantar) inicialmente, além da preocupação em “acertar” e o medo da crítica.  Formação da autora: Musicoterapeuta.
Marques Filho, Coelho,	Apresentaram uma composição musical feita pelo primeiro autor que trata da dependência	Acredita-se que a aplicação desse mesmo método para grupos de	A partir da exposição à música aplicou-se um questionário contendo seis questões de múltipla	Formação dos autores: dois médicos psiquiatras e psicólogo.

Ávila (2007)	química a 42 estudantes de medicina e 52 estudantes de enfermagem e, posteriormente, aplicou-se um questionário semiestruturado.	risco possa ter efeitos benéficos em relação à redução de danos. Música pode remover barreira (em relação a comunicação).	escolha sobre a temática da dependência química.	
Cardoso e Cunha (2011)	A pesquisa foi baseada na análise dos relatórios das sessões de Musicoterapia de dois grupos compostos apenas de homens, em um CAPs, observando as expressões musicais, manifestações comunicativas não-verbais e verbais, destacando as trocas afetivas e psicossociais ocorridas nos encontros.	De uma forma geral, a pesquisa mostrou que cantar, tocar instrumentos musicais e compor canções, tendo a mediação do musicoterapeuta e através das técnicas empregadas, proporcionaram situações onde foi possível ter uma interação saudável entre os participantes.	Análise dos relatórios de sessão, buscando temas emergentes referentes aos processos. Os temas recorrentes foram agrupados em quadros que mostram as diferentes formas de expressão dos grupos quando estes interagem por meio da música.	Formação dos autores: musicoterapeutas.
Agudelo e Morales (2017)	Por meio de entrevista individual, buscou-se entender os benefícios atingidos na história de vida dos participantes, por meio da intervenção da musicoterapia comunitária. Os encontros aconteceram entre 2016 e 2017 onde se utilizou a exploração dos	A consolidação gradual dos participantes como comunidade e a implantação e desenvolvimento de atividades por meio da arte, contribuiu para a transformação nas histórias de vida das pessoas que se vincularam ao espaço e que nele acharam um ponto de encontro com as necessidades compartilhadas	Estudo qualitativo com entrevista semiestruturada, triangulação da experiência relatada por pacientes com observações nos diários dos pesquisadores.	Formação: terapeuta ocupacional e psiquiatra. Ambos musicoterapeutas

	sons através do corpo, da voz, música receptiva, recriação, composição grupal e fabricação de instrumentos musicais.	do grupo e a geração de recursos de enfrentamento das adversidades diárias e que se associam à problemática de consumo.		
Gutiérrez (2017)	Intervenção musicoterapêutica de 19 sessões realizadas duas vezes por semana com a participação de 10 usuários, sendo 7 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Foram usadas as técnicas improvisacionais musicoterapêutica, focadas na empatia, sincronização, imitação, redireção, facilitação, debate e exploração emocional.	As sessões alcançaram a elaboração pessoal de situações de conflito com efeitos mobilizadores. As técnicas de improvisação foram as que melhor permitiram aos usuários elaborar situações de maneira intuitiva e efetiva, bem como, gerar empatia.	Questionário de variáveis de predição de abandono (VPA); Avaliação das relações musicais intermusicais (CIM).	Formação: psicólogo e musicoterapeuta
Leitão (2019)	Foram feitas entrevistas com usuários do serviço de saúde da Oficina Terapêutica de Música do PROJAD/IPUB, onde 3 dos 7 participantes se declararam músicos. Foi realizada também a análise do livro-ata da Oficina Terapêutica de Música do ano de 2018.	A música tem a capacidade de acessar a memória e conectar com as lembranças e cargas afetivas de sentimentos e emoções. Músicas (entendidas pela autora como) alegres têm sido uma via mais eficaz para o bem-estar dos participantes, ainda que seja possível que, ao usar a música como elemento	Entrevista semiestruturada com 7 usuários participantes da Oficina Terapêutica de Música.	Psicóloga. A pesquisa utilizou da temática das letras para caracterizá-las enquanto músicas alegres ou músicas tristes.

		de recordação, associe-se ao uso da droga.		
Teixeira (2019)	MT receptiva com mesa-lira, através de um estudo randomizado, tendo grupos de intervenção e controle (GMT-A), que participaram da aplicação da mesa lira, com duração de 30 a 40 minutos durante 5 dias consecutivos e outros grupos de intervenção e controle (GMT-B), que participaram da aplicação da mesa-lira, com duração de 30 a 40 minutos durante 5 dias alternados.	Não houve diferença significativa em nenhum dos grupos em relação à ansiedade. Apresentou-se um nível de relaxamento significativamente aumentado após cada sessão em comparação com a avaliação pré-intervenção. As sessões de Musicoterapia se mostraram importantes para o fortalecimento dos participantes para que pudessem enfrentar os sintomas da abstinência, bem como o desejo incontrolável pelo uso da droga.	Questionário sociodemográfico, Escala de Tentação para Uso de Drogas (ESTUD), Escala de Autoeficácia para Abstinência de Drogas (EAAD), Inventário de Ansiedade-Traço e Ansiedade-Estado (IDATE), Escala de Avaliação subjetiva do nível de relaxamento (NR), Percepção Corporal das Vibrações, Questionário Musicoterapêutico (QMT) e Impressão Subjetiva do Sujeito (ISS).	Musicoterapeuta. Escalas que utilizam da autopercepção conectada à ansiedade e relaxamento podem apresentar resultados controversos à esta população, dados os comprometimentos cognitivos relacionados aos processos atencionais em pessoas com dependência química. Hipotetiza-se que os das escalas de autopreenchimento, relacionadas à autopercepção, apresentem resultados não fiáveis.
Viana e Ribeiro (2019)	Foi aplicado um questionário de 20 questões, sendo 14 de múltipla escolha e 6 discursivas, a 11 dependentes químicos do sexo masculino que	A maior parte dos participantes julgou a música gospel importante para seu tratamento; entendeu a música como um método paliativo na adesão ao tratamento, além de acreditar	Um questionário de 14 questões de múltipla escolha e 6 abertas sobre a música no tratamento da dependência química.	Enfermeira e professora orientadora  “O uso da música em clínicas de Apoio a Dependentes químicos não tem sido baseada formalmente como

	utilizam a música gospel como instrumento terapêutico em sua reabilitação. Realizaram análises discursivas destas questões.	que a música em conjunto a espiritualidade é eficiente no cotidiano.		técnicas específicas, como é o caso da musicoterapia, porém sua função terapêutica tem sido significativa, por auxiliar na expressão de sentimento do paciente, de forma humanizada, respeitando sua autonomia” (p.181).
Soares e Lourenço (2020)	Utilizou-se técnicas e instrumentos como a música, para o trabalho de motivação a pessoas em tratamento a dependência química.	Espera-se um aumento na prevenção de recaída e o treinamento de habilidades para a abstinência de substâncias, contribuindo para que o grupo busque melhorar sua autoestima e obter avanços no tratamento.	Relato de experiência.	Graduação: Ciências Humanas - Psicologia; professora orientadora

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas selecionadas mostram que a maioria dos trabalhos foram direcionados a atendimentos musicoterapêuticos em grupo. Há, no entanto, uma grande variação das técnicas musicoterapêuticas empreendidas no trabalho clínico, bem como na metodologia de pesquisa. Encontramos trabalhos contendo estudos: 1) com grupo intervenção e controle, 2) sem grupo controle, 3) sem intervenção musicoterapêutica e 4) que fazem uso da música como uma ferramenta na terapia, mas sem o uso de técnicas musicoterapêuticas específicas; já que tais trabalhos não foram realizados por musicoterapeutas.

A música dentro deste tema é utilizada para ajudar na comunicação ou até mesmo para dar voz aos indivíduos, proporcionando acolhimento e dando espaço para falar de conflitos, necessidades, lembranças, medos e/ou emoções, provenientes da consequência do uso das substâncias ou até mesmo de traumas mais antigos que consolidaram para que o indivíduo buscasse alento no uso das drogas (CARDOSO; CUNHA, 2011; ZANINI, 1999).

A autopercepção em pessoas com dependência química pode apresentar alterações, dificultando o uso de escalas autorrelatadas. A percepção é uma função cerebral responsável por interpretar as informações sensoriais emitidas, trazendo significado aos estímulos e tendo como parâmetro experiências anteriores, exigindo memória, contexto e atenção. Pode haver um comprometimento da capacidade cognitiva a partir do consumo de drogas, como a lentificação no processamento de informações, dificuldades de organização e planejamento, aprendizagem, prejuízo na memória, diminuição da atenção, principalmente a atenção sustentada. Em consequência de tal comprometimento existe uma diminuição da capacidade de interpretar as sensações provenientes de estímulos ou de se expressar (TEIXEIRA, 2019, p.68).

Os trabalhos, em sua maioria discussões teóricas, focam em indicações fenomenológicas por meio de relatos de participantes, levantamento de relatórios escritos e audiovisuais, bem como de entrevistas elaboradas pelos próprios autores, feitas, via de regra, a partir de questões abertas. Foram usadas técnicas musicoterapêuticas como improvisação, recriação, composição e recreação (BRUSCIA,

2002) nos trabalhos feitos por musicoterapeutas. Nos trabalhos realizados por profissionais de outras áreas preponderou-se o uso da escuta musical.

Locais onde acontecem as práticas pesquisadas foram Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, Comunidade Terapêutica, Hospital Psiquiátrico, Centro de Atenção à Toxicodependência, Centro de Apoio y manejo a las Adicciones, ambulatório individual e atendimento em grupo. Estes dados denotam uma grande variação de espaços para a atuação musicoterapêutica, o que ressoa à variabilidade de técnicas empreendidas nos tratamentos.

Cinco dos nove trabalhos foram feitos por musicoterapeutas (aproximadamente 56%). Isto indica que o uso da música nos tratamentos em dependência química também é de interesse de outros profissionais. Também aponta para o fato de que existe campo para mais produções acadêmicas dentro da musicoterapia.

Neste sentido indicamos que mais pesquisas nesta área podem ser feitas e se fazem necessárias, já que a Dependência Química é um problema de saúde pública, que afeta o indivíduo, seus familiares e ao Estado (TEIXEIRA, 2019). A Musicoterapia pode contribuir com os tratamentos, sendo um método não farmacológico eficaz que pode proporcionar através de técnicas um conjunto de benefícios para o indivíduo e seus familiares, proporcionando acolhimento, um lugar de voz e uma forma de expressão.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2014.

AGUDELO, Carolina Vargas; MORALES, Leonardo. Transform-art. Uma experiência comunitária nas ruas da vida. In: **Revista InCantare**, v.8 n.2: 2017. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/download/2052/1356>, acesso: 29/06/21.

CARDOSO, L. N.; CUNHA, R. R. S. Trocas Afetivas e Psicossociais em Musicoterapia: grupos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. In: **Revista do Núcleo de**

**Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, ano 2011, v. 2, p. 74-94, jul. 2011.

GARCIA, Frederico D.; ALKMIN, Nina R. Conceito de drogas e seus padrões de uso. In: GARCIA, Frederico Duarte (Org.). *Manual de Abordagem de Dependências Químicas*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014.

GAZMER, S. P.; BANDOPADHYAY, S.; MOHAN, K.R. R. COVID Pandemic Lockdown and Music Listening: A Case study in Sikkim Himalayas. In: **Journal of the Social Sciences**, **48(3)**, p. 1751-1765. July 2020.

GIORDANO, F., SCARLATA, E., BARONI, M., ELIDE, Gentile, E., FILOMENA, P., ... GESUALDO, L. Receptive Music Therapy to reduce stress and improve wellbeing in Italian Clinical Staff involved in COVID-19 Pandemic: a preliminary study. In: **The Arts in Psychotherapy**, 101688, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2020.101688>

GUTIÉRREZ, Christiam André Bautista. Musicoterapia e Adicção: efeitos da Musicoterapia na aderência ao tratamento de um grupo de pacientes com consumo crônico de substâncias psicoativas. In: **Revista InCantare**, v.8 n.2: 2017. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/download/2054/1358>, acesso: 29/07/2021.

HERRERO, E. M., SINGER, N., FERRERI, L., MCPHEE, M., ZATORRE, R., & RIPOLLES, P.. Rock 'n' Roll but not Sex or Drugs: Music is negatively correlated to depressive symptoms during the COVID-19 pandemic via reward-related mechanisms. In: **PsyArXiv**, **22 Dec. 2020**. In: <https://doi.org/10.31234/osf.io/x5upn>

HOHMANN, L.; BRADT, J.; STEGEMANN, T.; ZHANG, Q. Effects of music therapy and music-based interventions in the treatment of substance use disorders: A systematic review. In: **PLoS One**. V. 12(11), 2017.

LEITÃO, TACIANA CAVALCANTE Y. **Na sintonia da vida: música e uso de drogas como vias possíveis para o existir na atualidade**. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Assistência a Usuários de Álcool e Outras Drogas PROJAD/IPUB). INSTITUTO DE PSIQUIATRIA (IPUB), Centro de Ciências da Saúde – CCS. Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

MARQUES FILHO, Altino Bessa; DE SOUZA COELHO, Cassiano Lara; ÁVILA, Lazslo Antonio. Música removendo barreiras e minimizando resistências de usuários de substâncias. In: **Revista da SPAGESP**, v. 8, n. 1, p. 14-24, 2007.

MAYS, K. L.; CLARK, D. L.; GORDON; A. J. Treating Addiction with Tunes: A Systematic Review of Music Therapy for the Treatment of Patients with Addictions. IN: *Substance Abuse*, V. 29:4, p. 51-59, 2008.

PEDROSA, Frederico G.; LOUREIRO, Cybelle M. V.; GARCIA, Frederico D. Musicoterapia na Dependência Química: Uma Revisão Integrativa. In: **Revista Música Hodie**. No prelo, 2021.

SOARES, Y. L. S.; LOURENÇO, G. Musicoterapia: Um relato de experiência vivenciado durante estágio supervisionado básico. In: Anais do **SEFIC 2020**, 2021.

TEIXEIRA, Andressa Toledo et al. Musicoterapia receptiva com a mesa lira no período de desintoxicação em dependentes químicos: estudo randomizado controlado. Dissertação. UFG: Goiânia, 2019

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNDOC). **World Drug Report 2021: pandemic effects ramp up drug risks, as youth underestimate cannabis dangers**. Division for Policy Analysis and Public Affairs: Viena: 2021.

VIANA, Leydiane Eduarda; RIBEIRO, Maria Luzineide Pereira da Costa. A utilização da música gospel como instrumento terapêutico na reabilitação de dependentes químicos em casa de recuperação do entorno do Distrito Federal. In: **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 8, n. 2, p. 179-189, 2019.

ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. Musicoterapia: Semelhanças e Diferenças na Produção Musical de Alcoolistas e Esquizofrênicos. In: **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano V, n. 6, p. 97-109, 2002.